REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1:019

20 DE ABRIL DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Annuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

Chronica Occidental

Com tudo fechado, as côrtes, a Universidade de Coimbra e mais escolas superiores e ainda outros estabelecimentos de instrucção, já os rapazes não andam por ahi em grita e terminaram as correrias da policia, nem por isso o socego fez sua entrada nos espiritos.

Encerraram-se as côrtes, quando muitos o não esperavam. Na camara dos deputados, em tres sessões muito agitadas, a opposição pediu explicações ao governo sobre o caso dos estudantes em *grève*; mas chegava a hora da ordem do dia e taes explicações não se davam. D'ahi tumultos constantes e suspensão das sessões por tres vezes. Viu-se por isso o governo obrigado a pedir o encerramento das côrtes, as quaes, segundo se diz, tornarão a abrir no proximo mez de maio por pouco tempo.

Nos estabelecimentos de ensino secundario e especial que permanecem funccionando, muitos alumnos e quasi todas as alumnas já voltaram ás aulas, notando-se, porém, que nas classes mais elevadas a *grève* parece querer manter-se.

O caso tem preoccupado muitissimo o paiz inteiro, e por duas razões evidentes: a primeira é que raros serão os que n'elle não estejam directamente interessados por um filho, parente ou amigo; a outra é que, pelas campanhas encetadas, não ha quem hoje duvide da importancia capital de quanto diz respeito á instrucção.

Agora se trata em Lisboa de fundar uma nova academia em que homens de letras e sciencias com nomes illustres, professores muitos d'elles d'algumas das nossas escolas superiores, mostrarão sua actividade e dedicado amor ao progresso das sciencias n'esta nossa capital. A' primeira sessão, d'alguns dos socios fundadores, reunidos uma d'estas noites n'uma sala da Sociedade de Geographia, presidiu o illustre professor do Curso Superior de Letras, dr. Theophilo Braga.

E, ainda que no coração não guardássemos uma funda saudade do excellente amigo, ha dias fallecido, não haviamos de falar da instrucção sem que n'este logar nos referissemos á morte do que foi por muitos annos vogal do Conselho Superior de Instrucção Publica, o conselheiro Silveira da Motta.

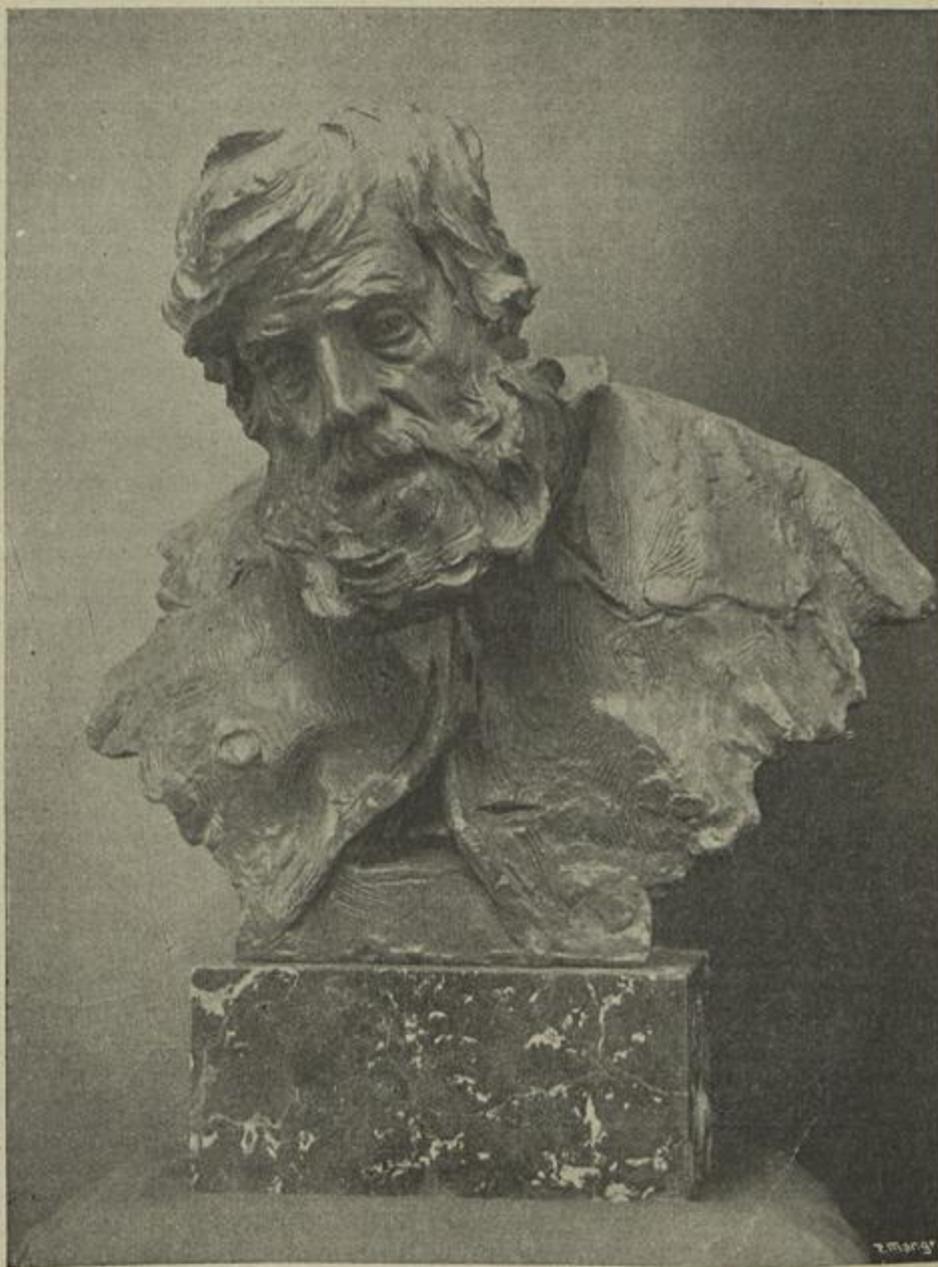
Grande e dedicado amigo de Barjona de Freitas, entrou na politica, chegando a exercer o logar de presidente da camara dos deputados. Director geral no ministerio da justiça, cargo que exerceu com altissima intelligencia, era para as letras que todo o seu elevado espirito se achava atrahido. Foi um escriptor vernaculo e poderemos sempre cital-o como classico e emparelhar ao lado de Herculano e de Castilho. A Academia Real das Sciencias merecera-lhe sempre as melhores attenções e, já doente e bastante soffrendo, raras vezes faltava ás reuniões do conselho superior de instrucção, tanto cuidado dedicava a tudo quanto á instrucção se referia.

Era um optimo coração alliado a um espirito muito alto. Bastas vezes o provou, procurando sempre favorecer aquelles que desamparados lhe appareciam. No ministerio e no conselho, quantos acharam n'elle um zeloso advogado de justiça bondoso, quando ali chegavam já ás vezes desesperados de qualquer resolução que os animasse na vida!

As letras portuguezas soffreram uma perda irreparavel. Os muitos amigos de Silveira da Motta hão de chorar, emquanto forem vivos, o coração excellente em que sempre encontraram ou remedio ou conforto.

Não são decerto boas as noticias, que aqui podemos archivar sobre instrucção em Portugal n'estes ultimos tempos. Não bastava a *grève* dos estudantes que muito os atrazou este anno; é agora o dr. Bernardino Machado que requer, por motivos a que a mesma *grève* deu origem e a que já nos referimos, a demissão de lente da Universidade de Coimbra.

Com quanto as coisas vão tomando melhor caminho, ainda por emquanto as maiores duvidas desassocegam governo, estudantes e familias. A ninguem agrada a perspectiva d'um anno perdido, que não são as vidas tão longas, que mais um anno menos um anno seja quantidade a desprezar se.

De quando em quando, correm noticias que animam; mas logo, a seguir, desabam os castellos que sobre boatos se edificaram. O que ultima-

UM POBRE
BUSTO EM BRONZE, ESCULPTURA DE FERNANDES DE SÁ, PERTENCENTE AO SR. HONORIO DE LIMA
(De fotografia)

mente corre com mais insistencia é de molde a fazer-nos prever um futuro menos sombrio. Diz-se que será nomeado reitor da Universidade de Coimbra o antigo ministro, sr. D. João de Alarcão, que, tendo exercido em varias capitaes, e em Lisboa por mais d'uma vez, o cargo de governador civil, sempre deu provas de muito sangue frio e do melhor senso. Mais se diz que, reunido o claustro pleno, será votado o perdão para os sete estudantes ultimamente condemnados, assim terminando o conflicto.

Seria grande alegria para todos os que devéras se interessam pela causa dos estudantes.

Fechada a Escola Polytechnica, foram os differentes alumnos militares repartidos pelas escolas de instrucção de Mafra, Vendas Novas e Tancos. Muitos, que, em Lisboa, Coimbra ou Porto se occupavam em leccionar, soffreram muitissimo com a forçosa separação de seus alumnos, e mais grave lhes seria o damno se muitos de seus companheiros paisanos os não fossem substituir generosamente.

Foi no meio da grande excitação dos espiritos, causada por tão graves noticias e tambem por muita e muito má rhetorica á mistura, que o poeta Guerra Junqueiro foi julgado no tribunal de S. João Novo, do Porto, como auctor d'um artigo, julgado injurioso para El-rei, publicado na *Voz Publica* de 2 de dezembro passado. Como circunstancia attenuante os juizes attenderam ao bom comportamento anterior do réo, consignando até na sentença que elle é uma das individualidades mais notaveis da sociedade portugueza contemporanea.

Depois do discurso da defeza, a cargo do sr. dr. Affonso Costa, Guerra Junqueiro pediu ainda que o ouvissem e leu as razões que o haviam levado a escrever o artigo incriminado.

Depois de condemnado e á sahida do tribunal o auctor dos *Simples* ouviu do publico uma extraordinaria ovação.

Tudo isto agitou os espiritos e era preciso para distrahil-os algum grande acontecimento. Esse ha dias se deu, e que feia tragedia foi essa, e como, de quantos a ella assistiram ha de a memoria conservar a horrivel imagem gravada para sempre!

Havia muito que em Lisboa se não dava desastre tamanho. Perto das duas horas da madrugada um incendio bruto, com tal presteza devorou um predio habitado de cima a baixo, que numerosas victimas se contavam entre os escombros. Duas meninas, crianças quasi, despenharam-se desde os ultimos andares, preferindo á morte nas chammas o despedeçarem-se na calçada. Uma senhora morreu de terror.

Lê-se a descripção de tantas afflicções e os corações confrangem-se. Maior é a dôr se nos lembrarmos que medidas de auctoridades pouco intelligentes concorreram muito para aggravar os desastrosos resultados. Mas se vier a provar-se que houve crime e que propositadamente foi o fogo lançado ás casas de tantas familias, então o desespero será sem limites e um brado unisono de indignação se elevará contra o criminoso.

Felizmente, não succedeu d'esta vez, como frequentes vezes acontece, que o horror do crime accumula odios contra o primeiro indigitado. O hespanhol Antonio Fernandez, unico que parecia devia lucrar com o incendio e contra quem logo as suspeitas se levantaram, apresenta como defeza testemunhas de valor e algumas provas attendiveis da sua innocencia. Parece estar provado serem falsas accusações que lhe faziam de haver posto fogo a uma casa do Porto, cidade onde dizem agora nunca ter habitado, e que os seus negocios, longe de correrem mal, estavam no momento actual n'uma fase florescente.

Ainda é este o assumpto mais discutido, mas já Lisboa, a pouco e pouco, vai voltando ao costumado aspecto.

Effectuou-se a procissão da Senhora da Saude, que pouca saude deu ao gatuno por alcunha o *Pintor*, n'um máo momento de inspiração lembrando-se de roubar o cordão d'oiro d'um anjinho, e levando da policia uma sova mestra.

Os theatros continuam todos funccionando. Grande exito de Palmira e de Bensaude na opera comica de Bizet, *D. Cesar de Bazan*.

Entristeceram os cartazes, um d'estes dias, com um contra-annuncio luctuoso. Morrera Beatriz Rente, que foi tantos annos primeira actriz no Gymnasio e era ultimamente societaria no theatro de D. Maria. Muito se falou dos olhos de Beatriz, que eram lindos; sabemos que muito se poderia ter falado do seu coração que era excellente. Creou papeis em peças de Gervasio, de Abel Botelho, de Pinheiro Chagas, de Urbano de Castro, de Schwalback e de muitos outros auctores portuguezes.

Paz á sua alma.

João da Camara.

UM POBRE

BUSTO EM BRONZE, ESCULPTURA DE FERNANDES DE SÁ

Temos hoje o prazer de ilustrar a primeira pagina deste numero com a reprodução de mais uma obra de arte do distinto esculptor portuense sr. Fernandes de Sá, de que ainda ha pouco nos occupámos nestas paginas, a proposito da sua bella esculptura a Virgem de Lourdes.

Varios são os generos que o reputado esculptor cultiva, e que o Occidente tem reproduzido, mas o trabalho que hoje apresentamos a nossos leitores não é menos de apreciar do que outros do mesmo artista, pela larguesa com que está modelado, dando a perfeita impressão do natural, sem convenções e sem mesquinhês.

Este busto, fundido em bronze, pertence ao sr. Honorio de Lima, destinto amador de bellas artes, que o adquirio para a sua galeria.

O Incendio da rua da Magdalena

Na *Chronica Occidental* refere-se o nosso chronista largamente ao pavoroso incendio do predio da rua da Magdalena, ocorrido em a noite de 9 para 10 do corrente, e sentidamente descreve os horrores d'essa grande desgraça que impressionou os habitantes da capital, e cujas tragicas cenas de tantas vitimas presas das chammas e sepultadas nos escombros, largamente descritas pelos noticiarios de cada dia, terão horrorisado quantos os leram por esse mundo fóra.

N'estas linhas, pois, resumiremos apenas algumas notas que convem arquivar de tão grande catastrofe, só comparavel aos incendios do teatro Baquet, no Porto e ao do Club Artistico, em Santarem, ocorridos n'estes ultimos vinte annos, em nosso pais.

Esses incendios, foram ocasionaes e não tiveram por isso a agravar o horror de tantas vidas que nelles pereceram a malvadês de um incendiario, como tudo parece indicar ter havido neste. O fogo manifestou-se no armazem de fazendas, estabelecido no primeiro andar direito do predio, que pertencia a um espanhol chamado Antonio Fernandez, ao qual a voz publica desde logo acusou de ter posto fogo ao dito armazem, acusação que, até á hora que escrevemos, ainda está de pé, pois ainda não está publicado o resultado das investigações da policia, que prendeu o Fernandez e um seu caixeiro.

O predio incendiado da rua da Magdalena tem os n.os 233 a 243, fazendo esquina para as escadinhas de Santa Justa.

Tinha lojas e cinco andares e uma sobre loja para as ditas escadinhas. Alem dos locatarios estabelecidos nas lojas, habitavam nos andares umas dez familias incluindo duas casas de hospedes; na sobre loja viviam umas toleradas.

Segundo as melhores informações, habitavam ao todo no predio umas 48 pessoas das quaes se salvaram, a custo 34 e pereceram no incendio 14 incluindo duas meninas Joanna Nunes da Costa e Ezilberta Pinheiro que se precepitaram das janellas do terceiro andar para a rua, preferindo essa morte a morrerem queimadas. As restantes vitimas que não se poderam livrar de ser pasto das chammas foram: D. Maria José Morgado, D. Julia do Nascimento Barros, D. Maria da Conceição Bastos, Louis Filipe Franc, Augusto Cesar, D. Alice das Dores Simões, Salomão Banon, D. Lucia Aloh, Rafael Banon, David Banon, Moises Banon, estes ultimos constituiam uma familia israelita de marido, mulher e tres filhos.

Num predio contiguo ao incendiado morreu uma senhora de susto, D. Anna de Jesus Machado.

Algumas pessoas que se poderam salvar obraram prodigios de coragem para o conseguir, e estão n'este caso o sr. Eduardo de Aguilar e Emilia das Neves Ferreira, moradores no quarto andar. Quando já as lavaredas os seguiam, não vendo outro recurso, saltaram para uma janella e agarrando-se ao parapeito, que escaldava, se deixaram cahir á ventura sobre a varanda do terceiro andar. Ali correndo ao extremo d'esta, seguran-do-se a uma corda que lhe lançaram da janella do predio contiguo, a custo foram içados, cada um por sua vez, não sem se terem ferido e contundido neste arriscado meio de salvação. Outros foram salvos quasi de entre as chammas, por corajosos bombeiros que os conduziram nos braços pela escada Magirus. A violencia do fogo, que a breve trecho invadio todo o predio, não permitiu que mais gente se salvasse e com magua e desespero os bombeiros o lamentavam.

Em Lisboa não se tem falado em outra cousa nestes ultimos dias. O sr. Infante D. Affonso compareceu no incendio e suas magestades El-Rei D. Carlos e Rainha D. Amelia estiveram lá de manhan informando-se de viso proprio daquella grande desgraça.

Nos templos de Lisboa tem-se celebrado óficios e missas por alma das vitimas, e para acudir aos vivos que o fogo reduziu á miseria, tem-se aberto subscrições, sendo uma pelo sr. Cardeal Patriarca e outra pelo nosso collega *Diario de Noticias*.

Os bombeiros que denodadamente tiveram a boa fortuna de salvar mais pessoas do incendio foram: Alfredo Rocha, chefe da 2.ª secção dos voluntarios; Antonio Alves, chefe de secção dos bombeiros municipaes, e Luiz Pereira de Carvalho, chefe da 2.ª divisão. Destes benemeritos estampamos os seus retratos.

No desejo de apresentarmos aos nossos leitores uma estampa do incendio, recorremos ao nosso antigo colaborador artistico, o professor sr. Christino da Silva, que compoz o desenho que publicamos e que dá suficiente ideia daquelle quadro horrivel, do drama tragico que ali se passou.

Actos heroicos praticados na costa da Nazareth

POR

Joaquim Bernardo de Sousa Lobo

Os temporaes, que se teem desencadeado, n'estes ultimos annos, na costa da Nazareth, teem sido horrorosos para os pescadores.

A pesca, diz o erudito escriptor D. Antonio da Costa, deve merecer á lei a mais grave attenção, não é, a bem dizer, um officio, mas sim uma sina, não é propriamente uma vida, é ás vezes uma morte.

Quantas vezes não são surprehendidos, no alto mar, estes infelizes pescadores com a subita mudança do tempo, que dentro em pouco se desfaz em violento temporal?

Durante estas alternativas de tempo, succede, porém, que momentos depois a atmosphera se apresenta annuviada e procellosa, como que annunciando medonha tempestade.

Desde logo os trabalhos da pesca cessam, e as tripulações empregam as suas melhores forças para chegarem a terra sem grave risco, em quanto que outras, que veem de pontos mais distantes, mas fortemente acossadas pelo enorme temporal, não podem, apesar dos seus extraordinarios esforços, evitar as terriveis consequencias d'um naufragio perante os violentos embates do mar agitado.

Que perigosa situação!...

A breve trecho alarma-se toda a povoação, ao som dos gritos das familias dos naufragos, supplicando a salvação dos seus entes queridos.

. . . .

E' n'estas angustiosas circumstancias que Joaquim Bernardo de Sousa Lobo, cabo de mar da capitania do porto da Nazareth, se eleva pela sua coragem e pelos seus sentimentos altruistas, dispondo-se d'animo prompto em arriscados lances a soccorrer os naufragos.

E entrando ao mar em uma barca para se desempenhar do arduo e humanitario serviço a que se impôz, e com elle alguns maritimos, habituados a estas tormentosas luctas, conseguem, através de mil perigos, approximar-se dos naufragos, a quem n'um movimento rapido e impulsivo são prestados os soccorros, para o seu salvamento, com uma firmeza de vontade que não mede os obices.

Em terra lavra fundo a anciedade, em quanto que no mar se fazem prodigios de valor.

Entre os numerosos maritimos, que em terra assistiam a esta lucta tremenda e quasi sobrehumana, o assombro foi geral, quando o valente lobo de mar com a alma cheia de abnegação salva os naufragos, e os traz para terra por entre calorosas demonstrações de regosijo de suas familias, em que toma parte a classe piscatoria.

E, para constatarmos a sua inexcedivel dedicação e seus prodigiosos esforços no salvamento dos naufragos, haja em vêr a extensa lista dos naufragios em que se destaca tão benemerita individualidade.

Citaremos apenas os seis naufragios mais im-

portantes, consoante a nota de que nos dá conta o ex.mo sr. Arthur de Salles Heriques no seu bello artigo, publicádo no numero unico do jornal *Pro Merito*, cujo exemplar nos foi obsequiosamente offerecido.

«1.º Naufragio do barco dos Sabinos, em que pereceram 7 homens,

«Não conseguem salvar ninguem, mas nem por isso deixou de ser digno de menção pelo muito risco que elle e os seus auxiliares correram.

«2.º Naufragio d'um barco de pesca, salvando tres pescadores em 7 de março de 1895.

«3.º Naufragio da barca noruegueza *Undine*,

JOAQUIM BERNARDO DE SOUSA LOBO

em 2 de janeiro de 1898, salvando 7 tripulantes d'essa barca.

«4.º Naufragio d'um batel de pesca com 6 tripulantes ao norte do morro da Nazareth. Foram todos salvos.

«5.º Naufragio d'um barco de pesca, salvando dois pescadores em 7 de dezembro de 1901.

«6.º Naufragio de duas barcas das armações em 19 de março de 1902. Salvando 7 homens.»

A'cerca d'estes naufragios temos emfim, a observar que um dos que merece especial menção é o 4.º pelas circumstancias, que determinaram a valiosa cooperação do benemerito cabo de mar no salvamento dos naufragos, em uma noite de medonha tempestade, achando-se convalescente, mas ainda de cama, d'uma pneumonia que o prostrara por algum tempo.

Não obstante o seu melindroso estado de saude, não cessaram as supplicas das familias dos naufragos em sua casa. Tal era a afflicção d'esta pobre gente!

Vivamente impressionado com os rogos, que insistentemente lhe eram feitos, resolve, contra as sensatas ponderações de sua familia, prestar urgentes soccorros aos naufragos, vista a sua perigosa situação, ante o temporal, que cruelmente os perseguia.

A pouco trecho é-lhe preparada uma embarcação, e n'ella com alguns maritimos se dirige ao local do sinistro, onde no salvamento dos naufragos se empregam persistentes esforços, levados aos extremos da mais assombrosa abnegação.

No regresso a terra aggrava-se o estado de saude do cabo de mar, por uma forma tão assustadora, que é levado em braços ao seu domicilio; e só mais tarde, graças aos recursos da sciencia e aos carinhos extremosos da familia, apparece aos seus numerosos amigos completamente restabelecido da enfermidade, que longos dias o reteve no leito, e de que se salvou por milagre.

Por estes actos de verdadeiro heroismo não só foi condecorado pelo Real Instituto de Soccorros a Naufragos o arrojado cabo de mar, Joaquim Bernardo de Souza Lobo, mas tambem os seus bravos auxiliares com as medalhas a que tinham jus, mas, d'entre estas, ha a honrosa menção para aquelle d'uma medalha de ouro, — a primeira que havia sido concedida pelo mesmo instituto. Collocou-lh'a no peito Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, assim como lhe depôz ha pouco no peito o collar do grau de cavalleiro da Antiga e muito Nobre Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Merito, com que foi agraciado pelo governo em 29 de dezembro ultimo, (*Diario do Governo n.º 296 de 21 d'aquelle mez*), como justo preito á sua denodada valentia, á sua inegualavel coragem no salvamento de muitos naufragos,— qualidades que muito o elevam no conceito e estima dos seus superiores e de todos os habitantes da Nazareth, sem distincção de classe,— levando-se, por tão merecidas honras, a effeito, no dia 1.º de Janeiro do corrente anno, na povoação da Nazareth, um luzido cortejo civico, cuja brilhante organisação deixou em todos a mais grata e perduravel recordação.

LINO J. F. DA COSTA

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO VI

(Continuado do n.º 1018)

Dos filhos de Brás Telles de Menêses, Guarda-Mór, Capitão-Mór e capitão dos ginetes do infante D. Luis, e de sua mulher D. Çatharina de Brito, foi Fernão Telles o sexto na ordem do nascimento.

Educado desde a meninice na escola guerreira e cavaleirosa dos seus antepassados, cuja imitação era o fito predominante do fidalgo quinhentista que tinha na sua linhagem o melhor incitamento para estremados feitos; ouvindo desde a infancia, contadas por algum velho escudeiro, as proêsas e façanhas de seus maiores nas gloriosas praças de Africa ou nas lucrativas emprêsas da India; Fernão Telles, como todos os da sua classe, achava-se já, ao alvorecer da mocidade, animado daquella mesma bravura, daquella mesma ancia de gloria, como se os vultos épicos de Antonio Galvão e de Duarte Pacheco se desprendessem da lenda heroica que os involvia e viessem procurar asilo na alma intrépida do moço português.

A India era o vasto campo de ação onde se exercitavam essas arrojadas cavalarias. Iam alémmar aquelles homens, correndo perigos e aventuras, como nós hoje atravessamos o Tejo, de animo sereno, sorriso nos labios e o coração cheio de fé e de intrepidês — Hoje jogávam as cartas n'algum serão da côrte, ou pompeavam no Rocio ou na Corredoira as suas gentilezas em Picaria, de tabardos frisados e gorras de veludo, amanhã, de couraça e elmo, batiam os rumes em Chaul e em Diu, sobre os baluartes escalavrados pelos pelouros do Hidalcão.

Principalmente os filhos segundos, aquelles que não podiam usufruir na tranquilidade do lar os bastos patrimonios dos primogenitos, eram os que mais se estremavam nessas aventuras, buscando, por mão propria, gloria para si e jus ao premio de uma tença e quantas vezes—a morte, a melhor talvez de todas os reconpensas.

Aires Gomes da Silva, irmão mais velho de Fernão, já passára a Africa a tentar fortuna e não tardou muito que este lhe não seguisse o exemplo embarcando para a India em 1566 na armada do viso-rei D. Antão de Noronha.

Mais felis que seu irmão a quem um pelouro moirisco despedaçou em uma batalha naval, Fernão Telles de Menêses iniciou brilhantemente a sua carreira militar, vencendo em Mangalor o rebelde gentio. Depois, continuando na vida fadigosa de batalhas, foi como capitão de uma galé na expedição a Chaul, e mais tarde, depois de ter servido como capitão em Ormuz e no Malabar onde ganhou sobeja gloria e fez gentilezas em armas dignas da sua prosapia, abertas as cartas do reino por morte do grande Luis de Ataide, foi-lhe, em 1581, cometida a governança da India, cargo de que tomou posse, com as ceremonias costumadas das mãos de D. João Ribeiro, bispo de Malaca.

Do seu vice-reinado pouca memoria deixaram as chronicas. A não ser algumas tentativas dos piratas malabares e uma ou outra rebelião do gentio, passou tal governo quasi que despercebido na historia da India. Seis mezes decorridos, tendo Felipe II tomado posse do reino, demitiu Fernão Telles e nomeou Viso Rei D. Francisco Mascarenhas, Conde de Santa Cruz.

Saido da culminancia do poder, embarcou o nobre capitão para Portugal onde foi benevolamente recebido pelo monarca espanhol, não se escrupulisando em aceitar d'elle a nomeação de capitão general do Algarve, cargo em que o fomos topar. Não ficou por aqui a generosidade de Felipe II, prodigalissimo em mercês a quem de principio se prestou a servi-lo. Além de duas pingues comendas, recebeu mais Fernão Telles, da regia mão os logares de Presidente do Conselho da India, general da armada, Regedor das Justiças e, como se isto não fôra bastante ainda, o de Conselheiro de Estado.

*

Achava-se pois em Lagos, com sua esposa D. Maria de Noronha, (1) da casa dos Faros, o futuro Regedor das Justiças quando, como ia dizendo, chegou lá a nova dos embaraços em que estavam os jesuitas sem casa para os noviços. Calou isto no espirito devoto dos ricos fidalgos que, não tendo filhos, empregavam em obras pias e esmolas abundantes, os bastos rendimentos de sua casa, e significaram á companhia quanto lhes seria gostoso serem os fundadores da casa de provação.

Logo que os jesuitas tiveram conhecimento de tão piedosas tenções e como o negocio não admitisse dilação por ser de extrema urgencia, enviaram a Lagos, para ajustar com os fidalgos a fundação do noviciado, o padre Pedro Lopes que, depois de tratar com Fernão Telles a letra da escritura, a fez lavrar n'aquella cidade em 18 de setembro de 1559.

Por ella ficaram obrigados os doadôres a fundar aquella casa, dando de dote 500$000 réis de juro ou fazenda que valesse 20:000 cruzados em dinheiro, condições estas que foram gostosamente aceitas pelo capitão general e pelos jesuitas e que o geral Acquaviva aprovou com não menor satisfação.

Oito annos depois, em 26 de dezembro de 1597, fez-se nova escritura em Lisbôa, quando Fernão Telles já residia nesta cidade, em que o padre provincial Christovam de Gouveia se dava por pago e satisfeito dos ditos 20:000 cruzados assignando juntamente com os nobres doadores.

*

Deu-se principio ao noviciado em uma quinta em Campolide que, desde 1585, estava em poder da Companhia (2), Para tal fim vieram dos colegios de Coimbra e Evora quinze noviços, realisando-se a inauguração, com grande luzimento e desusada pompa, no dia 12 de dezembro de 1598.

A ella assistiram o fundador e muitos padres da provincia. Rezou a primeira missa o padre provincial e em seguida comungaram os noviços e findou a festa religiosa com o jantar destes, servindo á mesa o provincial, alguns padres professos e Fernão Telles, todos com muita humildade e satisfação.

Ficou a casa de provação sob a invocação de Nossa Senhora da Assumpção, por ter sido lavrada no dia da sua festa e nome a escritura de doação, e ali proseguiu sob a reitoria de D. Antonio Mascarenhas sem que se desse principio ao que se intentava fazer.

Viram se os padres em serios embaraços na escolha do local para a projectada edificação. O caso não era muito facil, porque os jesuitas não só olhavam ao preço senão ás condições higienicas e ao pitoresco do local.

Estes predicados eram em geral de grande monta para todos os religiosos,

E' por isso hoje raro vêr-se, em toda a extensão do nosso bello pais, convento ou hospicio que, pela sua localisação não convide o caminhante a recrear a vista, óra pelas searas e pinheiraes, ora pela casaria acastelada a seus pés, refazendo no ar puro e lavado os pulmões insaciados. E, se alguns, principalmente dentro dos povoados, não tem actualmente esses predicados é porque posteriormente novas edificações lhe tolheram a vista e lhe interceptaram o ar.

(1) Era filha de D. Francisco de Faro, Vedor da Fazenda dos reis D. Sebastião e D. Henrique e de sua mulher D. Mecia de Albuquerque Henriques.

(2) Esta quinta de Campolide. chamava-se, no seculo XVIII, dos regulares da companhia de Jesus. Um aviso do Ministerio do Reino, expedido por Francisco Xavier de Mendonça Furtado ao inspector do bairro de Andaluz e datado de 10-11-1760, concede a Estevam Pinto de Moraes Sarmento, guarda joias da Casa de Bragança. Licença *para fazer cortar o angulo da terra «pertencente á quinta dos regulares da companhia denomina- «da de Jesus, que faz entre os caminhos que vem dos moinhos «de Campolide e a rua que desce para o bairro de S. José, «ficando na frente da estrada a Torrinha da Quinta do mesmo «Estevam Pinto de Moraes, de sorte que em logar do dito «angulo saliente, que ahi serve de embaraço fique um pequeno «largo, que faça mais facil a passagem das quatro estradas «que nelle desembocam»*... (L.º 8.º de avisos de 1760 a 62— Folhas 47).

Fica assim perfeitamente determinada a situação da quinta— O casal da Torrinha ainda hoje existe e Estevam Pinto de Moraes vive ainda tambem no nome de uma travessa que fica nos terrenos por detraz da Penitenciaria, onde tinha as suas casas de moradia.

Por estas e outras razões não foi pequena a tarefa dos jesuitas, nem curta a sua peregrinagem. Terreno que lhes convinha pelo preço, engeitavam-no pela situação ou pela distancia a casa professa. Nestas difficuldades de escolha andaram, na frase do chronista, apalpando alguns vinte chãos, até que determinaram finalmente erigir o noviciado em uma quinta que fazia parte da dotação para essa obra e que demorava lá para os altos da Cotovia descaindo desde a linha da cumiada daquelle oiteiro até ás hortas de Valverde.

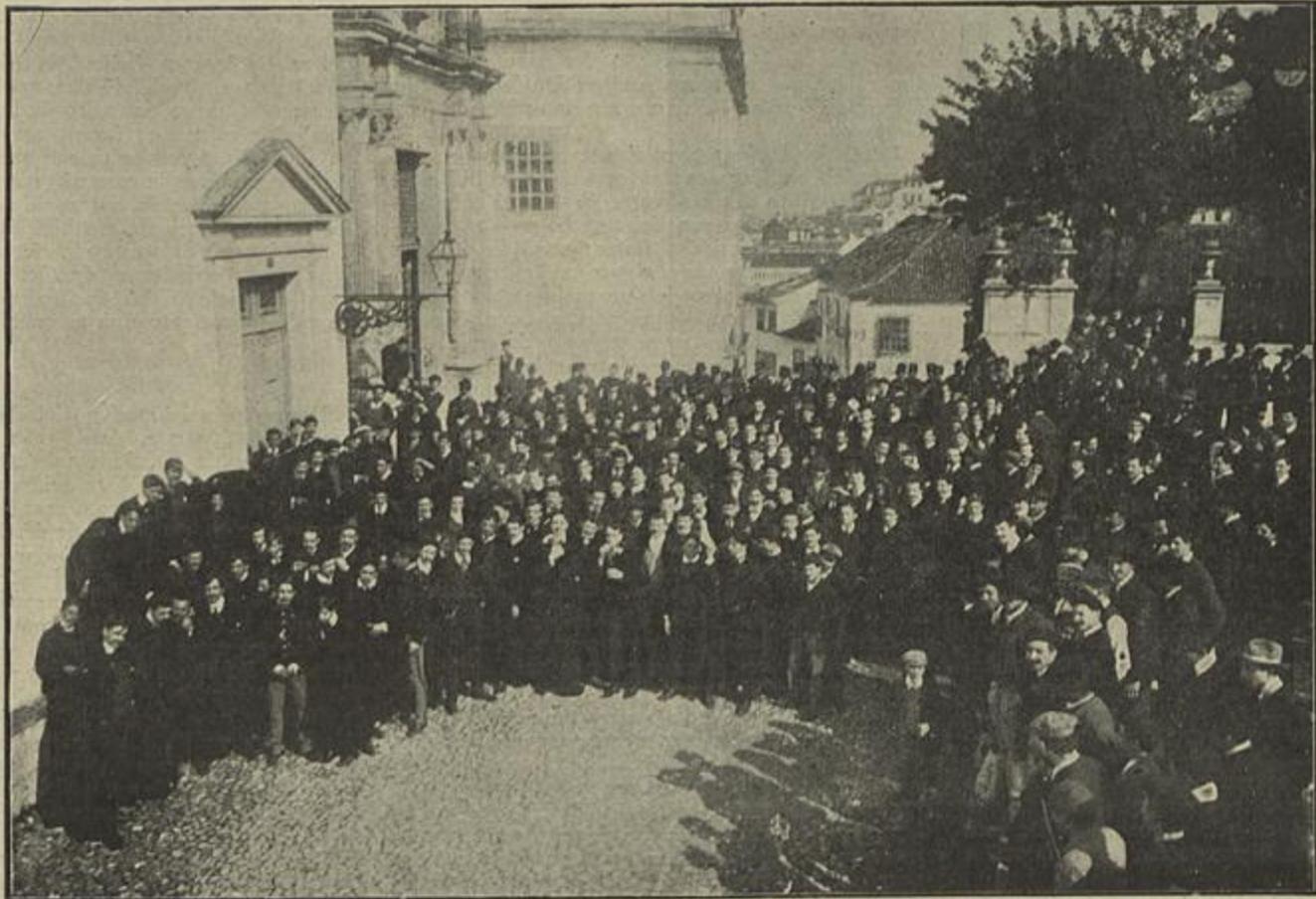
*

Esta quinta, chamada de *Monte-Olivete*, dá margem a algumas considerações.

O, já falecido, escritor Silva Pereira, em um artigo por elle firmado e publicado ha annos n'esta mesma revista tratando da fundação do noviciado da Companhia diz que o nome de *Monte-Olivete* fôra posto por intenção piedosa dos proprietarios.

Sem offensa para a memoria do infatigavel investigador que foi Silva Pereira, por que em assumptos desta natureza a discordancia e o erro são vulgarissimos e desculpaveis, discordo em absoluto de tal origem e rebato-a com argumento indestructivel.

A designação de *Monte-Olivete* é muito anterior a Fernão Telles e a D. Maria de Noronha, possuidores da famosa quinta. Já no tempo do Mestre de Aviz lhe chamava assim Fernão Lopes quando, na chronica daquelle rei, se refere ao arraial castelhano, indicando os sitios onde se postaram os sitiadores da capital, ás ordens de el-rei de Castella.

Castilho, na sua já citada obra, citando aquelle chronista diz:... *«que el-rei de Castella, ao chegar junto de Lisboa, se postou em um alto monte chamado Monte-Olivete»* (1). Ora, como se vê, a designação da quinta derivava simdlesmente do local e não do espirito devoto de seus donos. O que eu acho plausivel e tem para mim fóros de certeza, é que essa denominação derivou primitivamente das muitas oliveiras de que o monte era povoado, não engeitando de todo a ideia de que alguma influencia religiosa ajudasse a consolida-la.

NA *Via latina* — OS ESTUDANTES Á PORTA FERREA — A CAVALARIA CONTENDO OS ESTUDANTES DO LICEU NO ARCO DE S. BENTO

A PAREDE DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Vidè Chronica Occidental *(Clichés Benoliel)*

*

Os tratos de terreno que estavam pois destinados para a edificação, eram uma extensa propriedade de campos de trigo, horta olival, arvores de fruto e casas de residencia, agora a pequena capela, situada á beira da estrada para Campolide, alongando-se nessa direção desde a esquina da calçada da Patriarcal Queimada até o Rato, e estendendo-se por toda a vertente oriental do oiteiro até á baixa da actual Avenida da Liberdade.

A situação não podia ser melhor. Ficava pertoide S. Roque, tinha larga cêrca para recreio dos novicos, poços de agua, vista deleitosa, ares excelentes. O Padre provincial entusiasmára-se com o sitio e na exposição que fez ao geral Acquaviva, não cessou de o elogiar, encarecendo a amenidade e frescura da quinta, propicia á saude, á meditação e ás orações.

Mas nem tudo eram rósas e facilidades como agoirava o provincial. Depois de já escolhido o sitio e ajustada a traça do edificio, ainda os jesuitas tiveram outra arrelia. Foi o caso que, procedendo-se ao reconhecimento do terreno, pelos obreiros encarregados da construção, se observou ser todo elle mui pouco firme, em virtude

(1) Lisboa antiga — 2.ª edição e volume 1.º

O Incendio da Rua da Magdalena

Alfredo Rocha

Antonio Alves

Luiz de Carvalho

BOMBEIROS QUE SALVARAM ALGUMAS VICTIMAS DO INCENDIO

NA PRIMEIRA HORA DO INCENDIO

Desenho composto pelo professor sr. Christino da Silva

das minas de que era cortado, feitas para extracção do barro pelos oleiros do sitio. (1)

Causou tal contrariedade grande desanimo entre os padres, que chegaram a desesperar do bom sucesso da obra e a abandonar o local. Mas o fundador é que não esteve pelos ajustes e farto de esperar a conclusão da obra, receando não chegar a ver construido o noviciado, influiu junto do padre João Correia Pimentel para que animasse os companheiros.

Este assim o fez, e tanto instou que afinal foi decidido continuar a obra, fazendo-se a casa de provação no alto do oiteiro onde o terreno apresentava maior resistencia, embora o desaterro fosse muito dispendioso, e obrigasse a companhia a mandar vir cantaria de uma pedreira, proxima á igreja de S. Sebastião, em carros de bois e zorras, até ao *Monte-Olivete*. (2)

(Continúa). G. DE MATOS SEQUEIRA

HISTORIA DE UNS AMORES (*)

I

Tenho resolvido começar a presente historia com profundas considerações sobre o coração humano. Sempre me conheci com inclinação para estes estudos transcendentaes. Esperava occasião propicia para atirar aos ventos da publicidade os resultados das minhas locubrações, esclarecendo a humanidade nos mais intricados phenomenos do amor social. Digo do amor social, para o distinguir do amor natural, d'esse amor que illuminou as almas de Adão e Eva, amor que eu só comprehendo por abstracção, considerando-o fóra da influencia da modista e da Junta do Credito Publico, assim como comprehendo por abstracção o movimento infinito d'um corpo no espaço, livre do attrito das camadas atmosphericas.

E' chegada a occasião de apresentar os meus trabalhos sobre tão importante materia. A coisa é destinada a consolidar os alicerces da minha reputação.

O coração do homem é uma pilha onde se reunem todos os imponderaveis. Por isso o amor, fluido que emana d'esta pilha, se manifesta com todos os phenomenos proprios do calorico, do magnetismo, da electricidade e da luz.

Como o calorico, o amor eleva a temperatura do nosso corpo, dilata-nos o peito e leva-nos até ao incendio da paixão.

Como o magnetismo, attrae as almas e os labios dos namorados.

Como a electricidade, vence as maiores distancias no mais curto espaço de tempo, e faz com que uma pessoa falle da rua para um quinto andar, com a semcerimonia de quem está fallando em casa ao ouvido de sua mulher; occasiona as trovoadas e os raios do ciume.

Como a luz, finalmente, o amor umas vezes dando-nos com força na menina dos olhos tira-nos a vista, e é este phenomeno o que levou a antiguidade a pôr uma venda nos olhos do alado menino; outras vezes desvanece-nos as trevas da vida, e só elle nos allumia de noite por escadas nunca d'antes subidas, ou por sotãos nunca d'antes devassados.

Para o amor, assim como para os imponderaveis, ha bons e maus conductores, e ha tambem isoladores.

Os metaes que são bons conductores da electricidade, do calorico e do magnetismo, tambem o são do amor.

A miseria é o isolador do amor, como o vidro o é da electricidade.

Assim o coração do homem rico é constantemente alliviado do fluido amoroso que se espalha por todas as direcções que pódem tomar as libras sterlinas. O homem pobre, tendo o coração isolado pela miseria, está sujeito ás mais perigosas congestões do amor.

Haja vista aos notaveis amantes da antiguidade, os quaes a historia immortalisou como verdadeiros martyres do coração.

Camões, Tasso, Bernardim Ribeiro, Petrarcha e outros foram grandes amantes, porque foram grandes pobretões.

II

O sr. barão da Pampulha, é homem de bastantes haveres, e á proporção que vae augmentando em annos e em dinheiro, vae refinando a sua ternura para com o sexo fragil; ternura que não se enlameia nos prazeres impuros, e que com a fina essencia exalada de um frasco de chrystal, tende sempre a subir.

Como explicar este phenomeno?

E' que o barão passou na pobreza os primeiros annos da sua vida, e, cumpre declaral-o, nunca deixou de ser uma excellente pessoa. A sua riqueza adquirida por meios pouco licitos, e uma grande parte á custa das lagrimas de muita pensionista do estado, e de muito amanuense de secretaria, era-lhe um remorso pungente nas horas em que sua excellencia se entregava á intima contemplação de sua vida. Amigos não os tinha elle.

Seu primo Eduardo, e alguns mancebos a quem estendera mão protectora foram uns ingratos, que lhe apanharam muito dinheiro, e que o abandonaram, quando o viram falto de generosidade. Os barões e conselheiros de sua antiga camaradagem tinham-se espalhado pelas provincias, onde se foram fazer lavradores e pessoas tementes a Deus.

N'esta situação o nosso barão da Pampulha sentiu a necessidade de uma alma, á qual encostasse a sua; procurava uma esposa formosa e meiga, que lhe povoasse a solidão domestica.

Os primeiros tempos da sua viuvez passou-os elle alegre e divertido. A morte repentina da reforçada baroneza, fôra como a dissipação de uma trovoada, que elle tinha sempre armada sobre a cabeça. Quando se achou viuvo, respirou.

Apenas o barão começou a sentir a necessidade de se rematrimoniar, conheceu tambem a necessidade de preparar o seu espirito em ordem a fazer-se um bom marido. Era preciso completar a sua educação para poder aspirar á mão de qualquer donzella de nascimento illustre. Deitou-se logo a estudar francez e piano

Ao cabo de seis mezes já sabia os dithongos, e tocava o solo inglez.

Começava a conjugar o verbo *aimer* quando viu pela primeira vez á missa de S. Domingos a face tentadora da sr.ª D. Emilia da Trindade, filha unica do sr. Raymundo Estanislau da Trindade, amanuense de primeira classe do tribunal de contas.

A donzella mostrou não desdenhar os olhares significativos do barão, chegando até a repartir as suas attenções pelo livro da missa e pelo enternecido fidalgo.

A' saida da missa o barão foi atraz de Emilia e acompanhou-a até á casa, que era na rua dos Cavalleiros.

Desde esse dia o barão não teve mais uma hora de socego que podesse dedicar ao complemento da sua educação. Na conjugação do verbo *aimer* não passou da primeira pessoa do presente indicativo e do futuro perfeito, mas em portuguez: *eu amo, eu amarei.*

A medicina já lhe havia aconselhado o exercicio da equitação, como meio efficaz de dizer ao abdomen = *recolhe te*, e o barão que andava a espaçar de dia para dia o começo do remedio, comprou cavallo para subir e descer a rua dos Cavalleiros. Da primeira vez que se viu elevado á dignidade de par foi abaixo com dois corcovos, e ia partindo as costellas quasi debaixo das vistas da mulher amada O fogoso bicho foi logo vendido, e o barão tratou de escolher animal prudente e grave como sua excellencia.

O barão perdia sempre o sangue frio quando avistava a joven Emilia, que o esperava todos os dias ás onze horas da manhã, e ás cinco da tarde. Perdia o equilibrio sobre o cavallo, o coração dava-lhe corcovos quasi tão violentos como os do seu antigo ginete, quando lhe poz os costados em terra.

Ao setimo dia d'este namoro, que já dava que falar na visinhança da menina, escreveu o barão uma epistola repassada de amor, a qual metteu na algibeira do peito para a mostrar á donzella em occasião opportuna; mas passaram-se outros sete dias, sem ter coragem de fazer o signal premeditado. Chegou a beber mais dois copos do Porto ao jantar para cobrar animo, e atreveu-se a metter a mão na algibeira ao passar por casa d'*ella*, mas os dedos tremeram, a côr subiu-lhe ao rosto, os estribos sahiram-lhe dos pés, e a epistola lá ficou.

Todos estes symptomas indicam o estado morbido do coração de sua excellencia.

Uma tarde a donzella, quando avistou o seu namorado, recolheu-se e cerrou meia porta. O barão receou que *ella* o não tivesse visto, porém ao passar em frente da janella viu que a gentil menina lhe mostrava uma carta.

O caso vexou o barão. As orelhas fizeram-se lhe encarnadas como lacre; o seu primeiro impeto foi metter a mão na algibeira e tirar a epistola retardada; n'este rapido movimento puxou as redeas e enterrou as esporas na barriga do cavallo. O animal sahiu da sua habitual prudencia, levantou-se nos pés, e deitou a terra a giga de uma vendedeira de fructa. As maçãs e os peros espalhados pela rua arrancaram á pobre mulher as mais agudas lamentações e as pragas de melhor quilate. O caso chamou á porta os sapateiros e barbeiros do sitio e fez parar os viandantes. O barão indemnisou a vendedeira dos prejuizos que o seu amor lhe causára, e partiu n'um chouto, que o sacudia do selim para a anca, e da anca para o selim.

III

Antes de concluir a historia do casamento da excellentissima pessoa do sr. barão, venha o leitor comigo até á rua dos Cavalleiros, para conhecer de perto a donzella que vae completar a existencia do fidalgo.

Na rua dos Cavalleiros, em um pobre terceiro andar, habitava ha doze annos uma pequena familia, composta das seguintes pessoas:

Um empregado de uma das repartições de fazenda; homem de cincoenta annos, de bons creditos, com dezeseis mil reis de ordenado, algumas dôres rheumaticas, e um habito de Christo.

Sua esposa, mulher de assucarada educação, muito affeiçoada ás pessoas reaes de todas as dynastias, e cuja edade não era inferior a 48 annos.

Uma filha d'estes conjuges, menina de 18 annos, de rara formosura, muito dada á leitura de romances, e sinceramente enthusiasta pelos auctores que lia, e até pelos que não conhecia.

Um sobrinho do dono da casa, rapaz de elevadas aspirações, mas que torturava todos os dias o espirito escrevendo á rasa no escriptorio de um tabellião.

Passava esta boa familia n'aquella tranquillidade que disfructam as pessoas bem governadas, e na ausencia de indigestões, garantida pelos invariaveis dezeseis mil réis do dono da casa.

No centro porém d'aquella tranquillidade havia um vulcão, — um vulcão de amor no peito do pobre escrevente, que, habituado desde os primeiros annos a contemplar e admirar as graças que enriqueciam a alma e o corpo de sua prima, fôra a pouco e pouco construindo a sua paixão, até viver por ella e para ella.

A gentil Emilia era pobre; não ia muitos domingos á missa, porque nem sempre possuia o necessario para se apresentar na rua; por este lado não tinha o escrevente de que se envergonhar elevando até á sua prima os seus mais caros pensamentos, e as sentidas endeixas, com que nos momentos livres estragava algum papel do tabellião Mas Emilia olhava com inveja para as mulheres elegantes do sitio, ficava melancholica e triste quando via os figurinos das ultimas modas, e d'entre os romances de Alexandre Dumas preferia o *Conde de Monte Christo*, obra que lia e relia, falando com enthusiasmo de todo aquelle luxo, de toda aquella grandeza, que Dumas tão brilhantemente descreve.

N'esses momentos o escrevente humilhado procurava afastar a sua humilde figura dos olhos da ambiciosa prima, e ia curtir em silencio as graves sezões do seu amor.

Um dia o rapaz ousou declarar-se. Emilia não o ouviu com desdem, e d'ahi por diante consentiu que elle lhe offerecesse as metrificações do seu affecto e alguns vidrinhos de cheiro.

Mas o *Monte Christo* continuava a estar erguido entre os dois, como uma muralha de bronze. As coisas não podiam continuar assim. Nos seus sonhos agitados, o escrevente via os autos e os protocolos transformados nas minas do Perú, para cair depois na magra realidade de nove mil réis mensaes, que mal lhe chegavam para alugar na loja do Bordallo os romances que deviam augmentar a sua desventura.

Resolveu o escrevente partir para o Brazil. N'outras eras os namorados desprotegidos da fortuna iam arriscar a vida nas campanhas d'Africa, para conquistarem uma posição digna da mulher idolatrada, mas ha doze annos já os tempos eram diversos, e o escrevente, não achando missão mais gloriosa, foi com as suas saudades e as suas esperanças para o balcão d'uma mercearia na terra de Santa Cruz. Disse um adeus á familia, recebeu do tio o auxilio de 720 réis, imprimiu nos dedos da prima um casto osculo e partiu.

Como o escrevente arranjou por lá em doze annos cincoenta contos de réis, não o sei eu, o que eu sei é que elle chegou ha pouco tempo a Lisboa e procurou a prima, com quem nunca deixára de ter as mais calorosas relações epistolares.

O tio havia, pela febre amarella, dado a alma ao creador, e um espolio de cem mil réis aos seus herdeiros. Emilia, cançada de esperar por um marido, e de pensar na opulencia do *Monte Christo*

---

(1) Já em outro ponto falei das olarias bairristas—O Pateo do Tijolo, e os antigos fornos da louça no Moinho de Vento, que já existiam nos principios do seculo XVII, são documentos eloquentes da existencia de tal industria, em larga escala, por estes sitios—(vidé capitulo V).

(2) No capitulo 1.º ficaram já feitas mais amplas referencias sobre este ponto.

(*) *Coisas Alegres* por Manuel Roussado.

aceitára a côrte do barão da Pampulha, e ia casar-se com elle dentro de quinze dias. A questão foi de tempo; este tinha partido primeiro, e por isso poude voltar seis mezes antes do ex-escrevente.

Se o primo tivesse perdido o amor a seis pretos, e não esperasse pela liquidação de algum negocio de farinha de pau, não tinha ficado sem esposa. Vejam de que depende ás vezes a felicidade d'uma alma apaixonada!

O ex-escrevente ter-se-hia suicidado, se quizesse perder em um momento o que tinha adquirido em tanto tempo. Quiz se vingar, e vingou-se. Quando a prima entrava na egreja para se ligar ao outro, o primo apeava-se d'uma carruagem com a filha d'uma adella afamada, tambem para se casar. Emilia perdeu a cor, e o ex-escrevente caiu de joelhos. As ceremonias celebraram-se, e os noivos sairam dominados por uma profunda tristeza. Tres horas depois jantavam uns na Nova Cintra, e os outros no Dáfundo.

Manuel Roussado.

AMATO LUSITANO

(A SUA VIDA E A SUA OBRA)

POR

MAXIMIANO DE LEMOS

Um medico do Porto, já conhecido no campo das letras, acaba de evidenciar-se mais uma vez, produzindo um trabalho de investigação historica, publicado pela casa editora Eduardo Tavares Martins, do Porto.

Maximiano de Lemos, autôr do trabalho, cujo titulo encima estas linhas, consultou as melhores fontes para organisál-o e compendiou depois o resultado laborioso do seu estudo num volume, o qual, incluindo a bibliographia na pagina 199 e seguintes, o indice e uma tábua analitica, abranje 212 pajinas.

João Rodrigues, *Amato Lusitano*, judeu, natural de Castélo Branco, mereceu que Malgaigne, citado por M. Lemos, lhe consagrasse este periodo, transcrito no volume:

«Quanto a Portugal, tinha produzido um grande

AMATUS LUSITANUS

Ein Arzt von Castelblanco einer Stadt in Portugall gebürtig, hiess eigentlich Johannes Rodriguez de Castelblanco, lebte in der Mitte des 16 Jahrhunderts, und bekante sich zu Thessalonich zur Jüdischen Religion.

Trad. — *O medico nascido em Castello Branco cidade de Portugal cujo verdadeiro nome era João Rodrigues de Castello Branco que viveu no meado do seculo 16 e manifestou-se em Salonica professo na religião judaica.*

Fac-simile reduzido de uma gravura em cobre feita em Allemanha, no seculo XVI (1)

observador que levara de vencida com exito quasi egual a medicina e a cirurgia, Rodrigues de Castello Branco, que do nome da sua ingrata patria adoptou o nome de Amato Lusitano.»

(1) Quando estavamos para publicar este artigo deparou-nos a boa fortuna esta estampa que reproduzimos do retrato de Amato Lusitano, a qual nos foi facilitada pelo sr. Annibal Fernandes Thomaz e que faz parte da sua coleção de retratos.

O desenho é bastante imperfeito, mas não deixa por isso de ser um documento valioso que arquivamos n'este repositorio da historia.

A existencia acidentada do homem quê, nascido em Portugal no anno de 1511 e falecido de peste em Salonica no anno de 1568, ilustrára a celebre universidade de Salamanca na qualidade de academico distinto e exercêra com honra a sua profissão em Lisboa, Antuerpia, Ferrara, Veneza, Ancona, Roma, Ragusa, Salonica, tendo estado em contacto com os espiritos mais proeminentes da sua epoca e ministrado precioso ensinamento a discipulos que se tornaram notaveis; a existencia dum tal homem, sempre mais ou menos perseguido por ser judeu, acha-se posta em fóco por M. Lemos sem exajero e sem paixão.

Orgulha-se o portuguez, lendo-a, por haver tido a patria similhante filho que, não obstante distanciado déla por circunstancias inclementes, alheias á sua vontade, a não renegou nunca, levantando-lhe o nome por uma gloria assinalada immorredoiramente nos rejistos luminosos da ciencia autenticada.

Nem só a espada do guerreiro vitorioso e a

Dr. Maximiano de Lemos

enerjia ousada do navegador audaz, constituem argumento primoroso e diamantino para ser julgada a áção dos portuguezes no grande livro dos acontecimentos, a Historia.

Ha tambem valor de equivalencia e rutilar de excéção facunda, fóra do meio militar e da aventura: prova-o Camões, de maneira inimitavel, é certo, mas prova-o com a supremacia do genio.

Se se perdesse a autonomia nacional, se fosse possivel até desmembrar-se o solo continental, insular e colonial por forma a impedir em absoluto o resurgir da patria portuguêza, haveria o poema do epico imortal e a memoria de outros varões insignes, sem ser pelas armas, de transmitir a todos os tempos a noticia incontestada de que existira um povo na peninsula Iberica, formando a nação portugueza.

Amato Lusitano, o comentador perfeito do Dioscorides, celebre medico grego, de Amararba, na Cilicia, autor de seis livros sobre *Materia medica*, pertence ao numero de insignes pela penna que impõem o nome da patria ao conceito respeitoso do munde culto.

As suas *Centurias medicinaes*, que contém centenares de observações, representam como ativo enorme do progresso, uma força creadora a que é devida com justiça a grata deferencia da humanidade.

«Erudito, escreve M. Lemos, concluindo, conhece sete linguas: o grego, o latim, o hebreu, o allemão, o francez, o italiano e o hespanhol, alem da sua propria, e isto permitte-lhe commentar Dioscorides com profundo conhecimento do texto e dos seus differentes interpretadores; clinico, ahi estão as 700 curas da sua pratica a attestar os seus meritos de observador; anatomico, deixamos provado que a elle se deve em grande parte a descoberta das valvulas das veias.»

O autor do volume *Amato Lusitano — (A sua vida e a sua obra)* — mostrou com o aludido trabalho compreender a nobre missão de quem se dedica ás letras, levado por intuitos de instrução educativa e por interesse de utilidade publica.

O miôlo do volume corresponde plenamente a ambas as coisas que acabo de indicar.

Vou proceder de novo á leitura dos seus capitulos, que me aliviaram, felizmente, do pêso de espirito, produzido pelo enfado que me causam as leituras da maior parte das publicações da atualidade, em que falta o aproposito, o sentimente e a gramatica.

Quizera não encontrar no texto as expressões — por completo — e — de resto —, mas, em boa verdade, taes galicismos vulgarisados, em que eu já incorri, não tiram á obra de M. Lemos, individuo que só de nome conheço, importancia lejitima de investigação historica e á pessoa do obreiro o seu mérito real.

E, na qualidade de confráde, tambem me parece muito digno de louvor o haver escolhido para assunto do seu trabalho literario um tão brilhante ornamento da sua classe no passado, pelo qual se honram ainda os medicos hodiernos, prestando lhe homenajem.

D. Francisco de Noronha.

Bibliotheca Popular Instructiva. — *Antonio A. O. Machado. — A Natureza e seus Phenomenos. — I — Physica. — Empreza do «Occidente» — Lisboa.*

Num bello volume de 213 paginas de texto, esclarecido na altura competente pelas estampas respectivas, acaba de ser publicado o original já dado a lume nas colunas desta revista com geral agrado dos nossos leitores.

O preço de 200 réis por cada exemplar, parece-nos facilitar ao publico a aquisição dum livro de materia cientifica palpitante, exposta com toda a clareza.

Inscripções Indianas em Cintra. — *Notulas de Archeologia Historica e Bibliographia, ácerca dos templos hindús de Sommath, — Patane e Elephanta, por João Herculano de Moura. — Nova Goa. — Imprensa Nacional. — 1906.*

Neste volume, de formato grande, contendo 256 paginas, o seu autôr, oficial da nossa marinha de guerra, antigo governador de Diu, esclareceu o assunto com toda a proficiencia de ilustrado e paciente investigador, dando á estampa um trabalho completo, acompanhado dum debucho do celeberrimo templo de Elephanta. Lê-se com agrado crescente e, após a sua leitura, fica na alma uma doce impressão de orgulho lejitimo pelas recordações da patria no passado, ahi patente pelo espirito patriotico de Herculano de Moura, o qual, em mais de uma passajem corrije as asserções pouco isonjeiras de alguns estranjeiros, com o explendor da verdade.

NECROLOGIA

Conselheiro Ignacio Francisco Silveira da Motta

Pouco a pouco tem ido desaparecendo os da velha guarda, essa pleiade de homens de valor, que fizeram época na sociedade portuguêsa, na segunda metade do seculo passado, como espiritos superiores acima do vulgar, uns pela ciencia, outros pelas artes, outros pelas armas, outros pelas letras e quasi todos pela politica, que os elevou na hierarquia social.

Foi destes ultimos Silveira da Motta, que a geração actual pouco ou nada chegou a conhecer, porque mais de vinte annos são passados que elle pouco deu que fallar de si.

Teve contudo seus tempos aureos, já como funcionario publico dos mais prestantes, já como parlamentar dos mais distinctos, já como literato primoroso, que a todas estas manifestações da actividade intilectual elle chegou e nellas revelou seus talentos e aptidão.

Ignacio Francisco Silveira da Motta, nasceu no anno de 1836, filho de José Maria da Costa Silveira da Motta, ilustre forense que encaminhou seu filho nos primeiros passos da vida da advocacia, quando este concluiu o curso de direito, em que se formou, na Universidade de Coimbra por 1856.

Não presestiu, porém, o joven advogado muito tempo nesta profissão, e preferio a carreira das letras, distinguindo-se logo aos primeiros passos e, tentado pela politica, era em 1863 eleito deputado pelo Algarve, e no anno seguinte, nomeado por decreto de 1 de julho, chefe da 2.ª repartição da direção geral dos negocios eclesiasticos.

Dos annos de 1864 a 1878 desempenhou no ministerio da justiça, sucessivamente os seguintes cargos: sub-diretor da direção geral dos negocios eclesiasticos, da direção central e da direção da jus-

tiça, na qual exerceu durante annos o logar de diretor geral.

Sob sua direção se elaborou a circumscrição judiciaria executada em 1875 a 1876.

Creada em 1878 a direção geral do registo civil e estatistica, foi Silveira da Motta nomeado seu diretor.

No desempenho do seu elevado cargo preside Silveira da Motta aos trabalhos de *Estatistica de administração da justiça criminal nos tribunaes de primeira instancia do reino de Portugal e ilhas adjacentes*, relativa aos annos de 1878 a 1880 e precede os mapas de considerações em que revela não só o estudo como superior criterio, tornando este seu trabalho não só altamente apreciado no pais como no estrangeiro, onde a imprensa lhe fez largas referencias que se encontram na *Independencia Belga*, no *Mensageiro de Paris*, na *Revista Scientifica*, na *Revista Britanica*, na *Chronica de Buenos Aires*, no *Diario Official* e no *Jornal de Noticias* do Rio de Janeiro, na *Statische Correspondenz*, de Berlim, etc.

Deputado, honrou a tribuna parlamentar de que foi um dos seus mais brilhantes ornamentos, ocupando por veses o logar de presidente da camara.

Seus primeiros trabalhos literarios datam de 1852 em que publicou um livro de versos, sendo ainda estudante da Universidade. Depois, influenciado, talvez, pelo movimento literario que então tinha á sua frente, Herculano, Castilho, Rebello da Silva, Mendes Leal e outros que gravitavam entre estes astros de primeira grandesa, Silveira da Motta fundou o *Archivo Universal*; compôz os seus *Quadros da Historia Portugueza*, obra de que maior numero de edições se tem feito em Portugal, *Horas de Repouso*, e *Viagens na Galliza*, seu ultimo livro.

Conselheiro Ignacio Francisco Silveira da Motta

Em 1877 foi eleito socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e no anno seguinte elevado a socio efétivo, chegando a ser vice-presidente e inspector da biblioteca da mesma Academia.

Foi tambem um dos redatores do dicionario da lingua portuguêsa, emprehendido pela Academia Real das Sciencias, deixando os seu trabalhos concluidos, ainda que não impressos.

Em 1876 foi agraciado com a carta de conselho, possuindo além desta distinção varias grã-cruzes de ordens portuguêsas e estrangeiras.

Silveira da Motta foi uma das individualidades mais distintas da nossa sociedade, onde brilhou tanto pelas suas obras literarias, em que se distinguia pela elegancia e vernaculidade dos seus escritos, como pela conversação espirituosa, um tanto humorista quando não era ironica. Era de trato afavel e cativante, que mais fazia sobresahir sua figura cavalheiresca, fidalga, como, em geral, eram todos os homens do seu tempo.